

Francisco e o quefazer teológico

Francis and the theological making

Francisco de Aquino Júnior

Resumo

Há um amplo consenso acerca do caráter reformador do ministério pastoral de Francisco. Muitos falam, inclusive, de uma nova etapa do no processo de “recepção” do Concílio, depois do longo “inverno” ou da longa “seca” que se abateu na Igreja nas últimas décadas. Esse processo de conversão/renovação/reforma eclesial vem sendo analisado por vários autores sob diferentes pontos de vista: pastoral-missionário, social, moral, litúrgico, estrutural, legislativo, teológico-eclesiológico etc. Nossa reflexão está centrada na compreensão (mais ou menos explícita e elaborada) de teologia e do fazer teológico, presente nos vários escritos de Francisco, particularmente em pronunciamentos dirigidos à Comissão Teológica Internacional e a eventos teológicos. Destaca sua insistência numa teologia feita no “sulco aberto pelo Concílio Vaticano II”, como “parte da missão salvífico-evangelizadora da Igreja,” em “fidelidade criativa à Tradição,” nas “fronteiras” e “periferias” do mundo. E mostra como isso não é uma mera questão de estilo pessoal e opcional, mas algo constitutivo e determinante da identidade da teologia e do teologizar e, portanto, algo que diz respeito ao próprio estatuto da teologia.

Palavras-chave: Francisco. Concílio. Reforma. Teologia. Teologizar.

Abstract

There is broad agreement about the reforming character of Francis' pastoral ministry. Many even speak of a new stage in the process of "reception" of the Council, after the long "winter" or the long "drought" that has hit the Church in recent decades. Various authors under different points of view have analyzed this process of ecclesial conversion/renewal/reform: pastoral-missionary, social, moral, liturgical, structural, legislative, theological-ecclesiological, etc. Our reflection is centered on the understanding (more or less explicit and elaborated) of theology and of theological making, present in the various writings of Francis, particularly in pronouncements addressed to the International Theological Commission and to theological events. It highlights his insistence on a theology done in the "furrow opened by the Second Vatican Council," as "part of the salvific-evangelizing mission of the Church," in "creative fidelity to Tradition," on the "frontiers" and "peripheries" of the world. And it shows how this is not merely a matter of personal and optional style, but something constitutive and determinative of the identity of theology and theologizing, and therefore something that concerns the very status of theology.

Keywords: Francis. Council. Reform. Theology. Theologize.

Introdução

Pode parecer estranho e descabido falar da contribuição de Francisco para o quefazer teológico. Primeiro, porque não compete ao ministério dos pastores desenvolver uma reflexão teológica sistemática

e, menos ainda, problematizar e propor um método teológico ou uma forma concreta de fazer teologia. Isso é tarefa dos teólogos, não dos pastores. Segundo, porque, diferentemente de Bento XVI, Francisco não se dedicava profissionalmente à pesquisa, ao ensino e à produção teológica. Atuava como pastor (serviço pastoral) e não como teólogo profissional (produção teológica). Terceiro, porque seu estilo latino-americano menos formal e mais pastoral e o tom querigmático-narrativo de seu discurso (pronunciamentos, homilias, mensagens, documentos) têm sido usados por setores eclesiais reacionários para levantar suspeita sobre a qualidade teológica e até mesmo sobre a ortodoxia de seu ensinamento.

Mas o fato de não ser um teólogo profissional não significa que careça de uma boa e sólida formação teológica e que, no exercício de seu ministério pastoral, não faça uma teologia de qualidade e com autoridade magisterial. É bom lembrar que a maioria de seus predecessores não era teólogo profissional. E mesmo papas que foram professores de teologia, publicaram livros e tinham uma reflexão mais sistemática e elaborada, não oferecem, no exercício de seu ministério pastoral, tratados ou estudos sistemáticos de temas ou áreas da teologia¹. Abordam, certamente, muitos temas/assuntos teológicos, destacando aspectos que consideram relevantes ou parecem comprometidos em determinado contexto, sem, contudo, tomar para si a tarefa própria dos teólogos de um estudo mais abrangente e aprofundado desses temas. E, ao fazerem isto, revelam e desenvolvem certas sensibilidades e afinidades teológicas.

O modo de enfrentar e abordar problemas ou temas pastorais (compreensão, enfoque, ênfase, linguagem etc.) pressupõe e desenvolve concepções e perspectivas teológicas mais ou menos explícitas e elaboradas. Nesse sentido, pode-se falar da teologia e do teologizar de cada papa.

Isso que vale para qualquer papa, vale, concretamente, para Francisco. Em seus documentos, discursos, homilias e até gestos há uma teologia e um método teológico mais ou menos explícito e elaborado. E isso tem sido tematizado, problematizado e explicitado em várias publicações. Basta recordar aqui a coleção *A teologia do Papa Francisco*, organizada pelo italiano Roberto Repole, traduzida e publicada pelas Edições CNBB (11 volumes), e a coleção *Teologia do Papa Francisco*, publicada por Paulinas (11 volumes). Para não falar das inúmeras publicações em livros e revistas que abordam os mais diversos problemas e temas teológico-pastorais no magistério de Francisco.

Dentre os vários temas abordados, queremos retomar aqui a problemática do fazer teológico.² Com raras exceções, um tema mais referido que desenvolvido. É claro que Francisco não formula nem propõe um método teológico. Mas, além de ter um estilo e um modo próprios de fazer teologia,³ em várias ocasiões, sobretudo em encontros com teólogos/as ou ao falar da importância da teologia e dos teólogos/as, tem problematizado o fazer teológico, destacando exigências fundamentais para uma teologia que tome em sério seu lugar e sua função na missão evangelizadora da Igreja no mundo atual.

Ao fazer isto, Francisco acaba indicando um caminho/método para fazer teologia ou, em todo caso, alguns passos/procedimentos que conferem ao fazer teológico e às elaborações teológicas determinadas características e perspectivas. É neste sentido que falamos da contribuição de Francisco para a teologia e o teologizar.

É claro que não podemos fazer aqui um estudo analítico-sistemático da obra de Francisco, no que se refere ao método teológico. Vamos simplesmente retomar e sistematizar algumas de suas orientações que não deixam de ser características fundamentais de seu modo de fazer teologia – uma teologia feita no “sulco traçado pelo Concílio Vaticano II”, como “parte da missão salvífica da Igreja,” em “fidelidade criativa à Tradição”, nas “fronteiras” e “periferias” do mundo.

¹ Não por acaso, no prefácio da primeira parte de sua obra *Jesus de Nazaré*, Ratzinger afirma explicitamente que “este livro não é de modo algum um ato de magistério, mas unicamente expressão de [sua] própria procura pessoal ‘do rosto do Senhor’ (SI 27,88)” (RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, p.19).

² PASSOS, J., D., *Método teológico*; FUMAGALLI, A., *Caminhar no amor*, p. 13-18; JÚNIOR, F. A., *Teologia em saída para as periferias*, p. 57-60.

³ VILLAS BOAS, A., *A densidade teológica dos gestos de Francisco*, p. 69-87; GALLI, C. M., *La alegría del Evangelio en América Latina*, p. 93-97; FUMAGALLI, A., *Caminhar no amor*, p. 13-18.

1. Fazer teologia “no sulco traçado pelo Concílio Vaticano II”

O que Repole afirma sobre a eclesiologia de Francisco, pode-se afirmar sobre o seu magistério pastoral como um todo: “Vendo os seus gestos, lendo os seus documentos e escutando as suas intervenções, transparece uma visão de Igreja profundamente enraizada nas perspectivas abertas pelo último Concílio, pela rica teologia que o precedeu e por aquela que o seguiu.”⁴ O Concílio Vaticano II é, sem dúvida nenhuma, a referência fundamental para compreender todo o ministério pastoral de Francisco: Além de ser “plenamente filho do Concílio e da renovação conciliar,”⁵ com ele “a recepção do Concílio entra numa nova fase.”⁶ E isso que vale para o seu ministério pastoral como um todo, vale concretamente para a teologia que ele desenvolve e que propõe para o conjunto da Igreja: uma teologia desenvolvida “no sulco aberto pelo Vaticano II.”⁷

O próprio Francisco insistiu nisso em várias ocasiões: a) Na entrevista que concedeu a Antonio Spadaro, em agosto do 2013, afirma que “o Vaticano II foi uma releitura do Evangelho à luz da cultura contemporânea”, que ele “produziu um movimento de renovação que vem simplesmente do Evangelho” e que a “dinâmica de leitura do Evangelho no hoje, que é própria do Concílio, é absolutamente irreversível;”⁸ b) No discurso à Associação Teológica Italiana (19/12/2017) diz que “a Igreja deve referir-se sempre àquele acontecimento, através do qual teve início ‘uma nova etapa da evangelização,’” fala da necessidade de uma “fidelidade criativa” ao Concílio e pede para “permanecer fiéis e ancorados ao Concílio e à capacidade que ali a Igreja demonstrou de se deixar fecundar pela novidade perene do Evangelho de Jesus Cristo;”⁹ c) No discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional (24/11/2022), ao se referir aos temas a serem aprofundados por ela, recorda que são “chamados a fazê-lo no sulco traçado pelo Concílio Vaticano II, que constitui a bússola segura para o caminho da Igreja.”¹⁰

Poderíamos estender muito a lista de referências explícitas ao Concílio, mas as indicações feitas são suficientes para demonstrar que o Concílio não é apenas um evento e uma referência importantes para Francisco, mas o ponto de partida, o horizonte, o chão e o caminho para fazer teologia hoje. O que ele pede aos membros da Comissão Teológica Internacional é o que ele mesmo procura fazer e o que pede à comunidade teológica e à Igreja como um todo: “sois chamados a [fazer teologia] no sulco traçado pelo Concílio Vaticano II que constitui a bússola segura para o caminho da igreja.”¹¹

Fazer teologia “no sulco traçado pelo Concílio Vaticano II” não é simplesmente estudar e citar seus documentos nem, muito menos, desenvolver uma espécie de apologética conciliar autorreferencial e estéril ou entrar numa guerra hermenêutica sem fim pelo sentido de suas formulações. Certamente, é importante e necessário estudar seus documentos e interpretar o sentido de suas formulações. Mas sempre no espírito do Concílio – retomando, aprofundando e atualizando seu propósito fundamental – para não cair numa espécie de “escolástica conciliar.”¹² Isso significa e implica, dentre outras coisas, tomar em sério o *caráter pastoral e eclesial da teologia e do fazer teológico*. Dois aspectos sempre recordados e destacados por Francisco.

Por um lado, no espírito conciliar de abertura e serviço da Igreja ao mundo e de discernimento dos “sinais dos tempos”, insiste no *caráter pastoral da teologia*: a) Denuncia a falsa oposição entre teologia e pastoral, entre pastoralistas e academicistas, entre reflexão crente e vida crente, “como se fossem duas realidades opostas, separadas, que nada têm a ver uma com a outra”; b) Recorda que “uma das principais contribuições do Concílio Vaticano II foi precisamente a de procurar superar este divórcio entre teologia e pastoral, entre fé e vida”, chegando a afirmar que isso “revolucionou numa certa medida

⁴ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 16.

⁵ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 16.

⁶ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 18.

⁷ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 18.

⁸ SPADARO, A., Entrevista exclusiva do Papa Francisco, p. 25.

⁹ FRANCISCO. PP., Discurso do Papa Francisco à Associação Teológica Italiana.

¹⁰ FRANCISCO. PP., Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional.

¹¹ FRANCISCO. PP., Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional.

¹² PALÁCIO, C., Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo, p. 35.

o estatuto da teologia, o modo de agir e de pensar crente;¹³ d) adverte contra “uma teologia que se esgota na disputa acadêmica ou que contempla o mundo desde um castelo de vidro”, contra uma “teologia de gabinete” e contra “teólogo ‘de museu’, que acumula dados e informações sobre a revelação, mas que não sabe bem o que fazer com isso;”¹⁴ e) afirma que o “encontro entre doutrina e pastoral não é opcional, mas constitutivo de uma teologia que pretende ser eclesial”¹⁵ e que “os bons teólogos, como os bons pastores, cheiram a povo e rua e, com sua reflexão, derramam unguento e vinho nas feridas dos homens.”¹⁶ Isso descentra a teologia de si mesma, impede uma teologia autorreferencial, tenciona um fazer teológico que, sem comprometer sua qualidade teórica, tome em sério a inseparabilidade entre o “depósito da fé” e o “depósito da vida.”¹⁷

Por outro lado, insiste na *eclesialidade da teologia*. Recorda que “não se faz teologia individualmente, mas na comunidade”¹⁸ e que “o teólogo é filho do seu povo:” “sabe que “a fé não lhe pertence,” pois “recebeu-a gratuitamente da Tradição da Igreja” e reconhece que “o Povo crente no qual nasceu tem um significado teológico que ele não pode ignorar.”¹⁹ Afirma que “a teologia é serviço à fé viva da Igreja” e que a Igreja necessita desse serviço que é “o esforço por redefinir o conteúdo da fé em cada época, no dinamismo da tradição,” o que implica que “a linguagem teológica deve ser sempre viva, dinâmica, não pode deixar de evoluir e deve se preocupar sempre por fazer-se entender”, tendo presente “o vínculo entre fé e vida” para “não cair na autorreferencialidade.”²⁰ E chama atenção para a “colegialidade” no fazer teológico: “como qualquer outra vocação cristã, também o ministério do teólogo, além de ser pessoal, é também comunitário e colegial”: “a sinodalidade eclesial empenha os teólogos a fazer teologia de forma sinodal, promovendo a capacidade de escutar, dialogar, discernir e integrar a multiplicidade e variedade das instâncias e contribuições,”²¹ bem como “a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade exercidas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação.”²² Tudo isso que “já exprime algo de essencial da Verdade a cujo serviço se põe a teologia”, impede fazer teologia “de modo individualista, particularista ou, pior ainda, segundo uma lógica de competição.”²³ Está em jogo a dimensão sinodal da teologia e do teologizar em seus vários níveis: eclesial, ecumênico, inter-religioso, cultural, social.

No fundo, essa insistência no caráter pastoral e eclesial/sinodal da teologia e do fazer teológico é inseparável da compreensão conciliar da Igreja como “sacramento” de salvação ou do reinado de Deus no mundo (LG 1, 5, 9, 48; GS 42, 45; AG 1, 5) e como “povo de Deus”, na diversidade de seus carismas e ministérios (LG 9-17).

¹³ FRANCISCO. PP., Mensagem ao Congresso Internacional de Teologia junto da Pontifícia Universidade Católica Argentina; VG 2.

¹⁴ FRANCISCO, PP., Carta por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina.

¹⁵ FRANCISCO, Mensagem ao Congresso Internacional de Teologia junto da Pontifícia Universidade Católica Argentina.

¹⁶ FRANCISCO. PP., Carta por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina.

¹⁷ FRANCISCO. PP., Discurso do Santo Padre no Sínodo para a Família.

¹⁸ FRANCISCO. PP., Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional.

¹⁹ FRANCISCO. PP., Mensagem ao Congresso Internacional de Teologia junto da Pontifícia Universidade Católica Argentina.

²⁰ FRANCISCO. PP., Discurso del Santo Padre a los miembros de la dirección de la Revista Teológica “La Scuola Cattolica.”

²¹ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, n. 75; FRANCISCO. PP., Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional.

²² VG 4c.

²³ FRANCISCO. PP., Discurso do Papa Francisco à Associação Teológica Italiana.

2. Fazer teologia “como parte da missão salvífica da Igreja”

O esforço de superar o divórcio entre fé e vida e entre teologia e pastoral, que marcou o Concílio e que “revolucionou numa certa medida o estatuto da teologia,”²⁴ leva a compreender e fazer teologia como parte da missão salvífico-evangelizadora da Igreja. Enquanto *intellectus fidei*, a teologia é inseparável da fé e da missão da Igreja. Nem vive de si (autorreferencial) nem para si (autocentrada). E esse aspecto tem sido muito destacado por Francisco desde o início do seu ministério pastoral.

A insistência na centralidade do “anúncio do Evangelho no mundo atual” e na urgência de uma “transformação missionária da Igreja”, em sua programática Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, vale também, *mutatis mutandis*, para a teologia e o fazer teológico.²⁵ Aliás, falando do “anúncio do Evangelho” (cap. III), Francisco diz que a Igreja “aprecia e encoraja o carisma dos teólogos e o seu esforço na investigação teológica que promove o diálogo com o mundo da cultura e da ciência” e faz um “apelo” para que “cumpram esse serviço como parte da missão salvífica da Igreja”, advertindo que, para isso, “é necessário que tenham a peito a finalidade evangelizadora da Igreja e da própria teologia e não se contentem com uma teologia de gabinete.”²⁶

Fazer teologia como “como parte da missão salvífica da Igreja”²⁷ ou “a serviço da evangelização”²⁸ implica “voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho”, de onde “despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual.”²⁹

E essa é a marca mais radical, mais determinante e mais fascinante da teologia e do teologizar de Francisco: “um *magistério em movimento*, centrado no Evangelho e na evangelização, com um forte acento querigmático, a partir da hierarquia das verdades da fé e das virtudes ordenadas pelo amor;”³⁰ “uma *teologia do Evangelho*,” isto é, “uma forma teológica mais vivamente expressiva do conteúdo essencial do Evangelho”, que não se reduz ao “ensinamento doutrinal”, mas busca sempre exprimir um “estilo de vida.”³¹ Como bem expressa Fumegalli: “a teologia de Francisco é mais uma teologia do Evangelho, que aprofunda o seu fundamento vital, e menos uma teologia doutrinal, que se adentra na elaboração conceitual.”³² Enquanto tal, “apresenta-se como uma teologia mais radical, no sentido de ser mais próxima da raiz que a alimenta.”³³ Não se trata aqui de oposição entre Evangelho e doutrina nem de subestimação do esforço de elaboração conceitual, que é parte do fazer teológico, mas de voltar à fonte que origina, sustenta e renova as próprias elaborações doutrinárias ao longo da história.

Neste sentido, “voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho”³⁴ não é apenas um “estilo” pessoal e opcional, mas condição fundamental para fazer teologia cristã, independentemente do estilo, da linguagem e do nível de elaboração teórico-conceitual. Está em jogo aqui o próprio estatuto teórico da teologia. Daí a insistência de Francisco na missão da teologia de ajudar a “tornar evidente às mulheres e aos homens de hoje qual é o centro e o núcleo fundamental do Evangelho, ou seja, ‘a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado’, a fazer com que ‘o Evangelho alcance verdadeiramente as pessoas na sua singularidade e permeie a sociedade em todas as

²⁴ FRANCISCO. PP., Mensagem ao Congresso Internacional de Teologia junto da Pontifícia Universidade Católica Argentina; VG 2.

²⁵ FUMAGALLI, A., Caminhar no amor, p. 13

²⁶ EG 133.

²⁷ EG 133.

²⁸ FRANCISCO, Discurso del Santo Padre a los miembros de la dirección de la Revista Teológica “La Scuola Cattolica.”

²⁹ EG 11.

³⁰ GALLI, C. M., La alegría del Evangelio en América Latina, p. 95.

³¹ FUMAGALLI, A., Caminhar no amor, p. 15.

³² FUMAGALLI, A., Caminhar no amor, p. 15.

³³ FUMAGALLI, A., Caminhar no amor, p. 16.

³⁴ EG 11.

suas dimensões,” anunciando e mostrando “o rosto salvífico de Deus, o Deus misericordioso.”³⁵ Daí a centralidade que Francisco confere à misericórdia na teologia: sendo a “substância mesma do Evangelho,” os teólogos devem buscar “como, nas diferentes disciplinas – dogmática, moral, espiritualidade, direito etc. – se pode refletir a centralidade da misericórdia”, sem a qual “a nossa teologia, o nosso direito, a nossa pastoral, correm o risco de cair na mesquinha burocrática ou na ideologia que, por sua própria natureza, quer domesticar o mistério.”³⁶

Isso exige da teologia o “esforço de reconsiderar os grandes temas da fé cristã no âmbito de uma cultura profundamente transformada”, enfrentando-se com os grandes desafios do nosso tempo: crise ecológica, neurociências e técnicas que podem modificar o homem, desigualdades sociais, migrações, relativismo teórico e prático etc.³⁷ E exige tomar em sério o “difícil trabalho de distinguir a mensagem de Vida da sua forma de transmissão, dos seus elementos culturais nos quais outrora foi codificado,” sem o qual se termina traindo a mensagem e fazendo com que “a Boa Nova deixe de ser nova e sobretudo boa, tornando-se uma palavra estéril, esvaziada de toda a sua força criadora, que sana e ressuscita, e pondo assim em perigo a fé das pessoas de nosso tempo.”³⁸

Francisco não se cansa de insistir que “a teologia deve estar enraizada e fundada na Sagrada Escritura e na Tradição viva, mas, por isso mesmo, deve simultaneamente acompanhar os processos culturais e sociais, em particular as transições difíceis”, afrontando também os conflitos: “não só os que experimentamos na Igreja, mas também os relativos ao mundo inteiro.”³⁹ Adverte que “preservar a doutrina requer fidelidade ao que recebemos e, ao mesmo tempo, é preciso ter em conta o interlocutor, o destinatário, que se deve conhecer e amar”, recordando, com o “princípio da encarnação,” que “não podemos ignorar o nosso povo no momento de fazer teologia.”⁴⁰

Essa tarefa só pode ser feita por “cristãs e cristãos que não pensem em falar apenas entre eles, mas saibam que estão a serviço das várias Igrejas e da Igreja; e que assumam também a tarefa de repensar a Igreja, a fim de que ela esteja em conformidade com o Evangelho que deve anunciar.”⁴¹ É o desafio de fazer teologia como “parte da missão salvífica”⁴² ou “a serviço da evangelização”⁴³ da Igreja. E isso não é uma questão banal nem opcional, mas algo que toca no estatuto mesmo da teologia e do teologizar.

3. Fazer teologia “em fidelidade criativa à Tradição”

A compreensão da teologia como parte da missão salvífico-evangelizadora da Igreja leva Francisco a destacar insistentemente o caráter vivo da Tradição eclesial e a exigência de “fidelidade criativa à Tradição,” sobretudo diante do “grande perigo” de “retrocedismo” em alguns movimentos e setores eclesiais.⁴⁴

Ao insistir no caráter dinâmico da Tradição, três referências são particularmente relevantes na reflexão de Francisco. Primeiro, a compreensão de Tradição presente na Constituição Dogmática *Dei Verbum* (DV 8): “os padres não podiam encontrar afirmação sintética mais feliz para expressar a natureza e missão da Igreja: não só na ‘doutrina’, mas também na ‘vida’ e no ‘culto’, é oferecida aos

³⁵ FRANCISCO. PP., Discurso do Papa Francisco à Associação Teológica Italiana.

³⁶ FRANCISCO. PP., Carta por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina.

³⁷ FRANCISCO. PP., Discurso do Papa Francisco à Associação Teológica Italiana.

³⁸ FRANCISCO. PP., Mensagem ao Congresso Internacional de Teologia junto da Pontifícia Universidade Católica Argentina.

³⁹ VG 4.

⁴⁰ FRANCISCO. PP., Mensagem ao Congresso Internacional de Teologia junto da Pontifícia Universidade Católica Argentina.

⁴¹ FRANCISCO. PP., Discurso do Papa Francisco à Associação Teológica Italiana.

⁴² EG 133.

⁴³ FRANCISCO. PP., Discurso del Santo Padre a los miembros de la dirección de la Revista Teológica “La Scuola Cattolica.”

⁴⁴ FRANCISCO. PP., Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional.

crentes a capacidade de ser povo de Deus”; “com uma sequência de verbos [...] exprime a dinâmica resultante do processo: ‘esta Tradição progride [...], cresce [...], tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se realizem as palavras de Deus.’”⁴⁵ Segundo, o famoso princípio formulado por São Vicente de Lérins acerca do progresso na doutrina: “para que se consolide com os anos, se dilate com o tempo, se sublima com a idade.”⁴⁶ Terceiro, uma imagem muito sugestiva e até poética usada por Bento XVI: “não é a transmissão de coisas ou palavras, uma coleção de coisas mortas. A Tradição é o rio vivo que nos relaciona com as origens, o rio vivo no qual as origens estão sempre presentes.”⁴⁷ Francisco não se cansa de insistir no caráter vivo, dinâmico, criativo e aberto da Tradição, usando muitas vezes expressões e imagens um tanto impactantes e até jocosas: “A Tradição é uma realidade viva; e somente uma visão parcial pode conceber o ‘depósito da fé’ como algo estático;” “A Palavra de Deus não pode ser conservada em naftalina, como se se tratasse de uma velha coberta que é preciso proteger da traça [...] é uma realidade dinâmica, sempre viva, que progride e cresce, porque tende para uma perfeição que os homens não podem deter”; “Não se pode conservar a doutrina sem a fazer progredir, nem se pode prendê-la a uma leitura rígida e imutável, sem humilhar a ação do Espírito Santo;”⁴⁸ “A Tradição autêntica da Igreja não é um depósito estático nem uma peça de museu, mas a raiz de uma árvore que cresce”, cuja “missão é mais manter vivo o fogo do que conservar as suas cinzas;”⁴⁹ Alguém já dizia que “a tradição é a fé viva dos mortos, o tradicionalismo é a fé morta de alguns vivos [...]. Estai atentos: hoje a tentação é o “retrocedismo” disfarçado de tradição;”⁵⁰ “A Tradição ou cresce ou morre”: Ela é “a garantia do futuro e não uma peça de museu. É o que faz a Igreja crescer de baixo para cima, como a árvore: as raízes;”⁵¹ O erro do “fixismo” é “querer cristalizar a mensagem de Jesus numa forma única e sempre válida; ao passo que a forma deve poder sempre mudar a fim de a substância permanecer sempre a mesma.”⁵²

Francisco adverte que “a verdadeira heresia não consiste apenas em pregar outro Evangelho, como nos lembra Paulo (Gl 1, 9), mas também em deixar de o traduzir nas linguagens e formas contemporâneas, como fez precisamente o Apóstolo dos Gentios”, recordando que “*conservar* a mensagem de Cristo significa mantê-la viva, não enclausurá-la.”⁵³ E, prolongando a imagem usada por Bento VI da Tradição como “o rio vivo que nos liga às origens, o rio no qual as origens estão sempre presentes”, afirma que “este rio irriga diversas terras, alimenta várias geografias, fazendo germinar o melhor daquela terra, o melhor daquela cultura” e, desta forma, “o Evangelho continua a encarnar-se em todos os recantos do mundo, de modo sempre novo.”⁵⁴ Aqui se entende sua insistência numa “fidelidade criativa” à Tradição: “Trata-se de assumir com fé e amor e declinar com rigor e abertura o compromisso de exercer o ministério da teologia [...] para o progresso da Tradição apostólica, sob a assistência do Espírito Santo.”⁵⁵

⁴⁵ FRANCISCO. PP., Discurso aos participantes no encontro por ocasião do XXV aniversário do Catecismo da Igreja Católica.

⁴⁶ FRANCISCO. PP., Mensagem ao Congresso Internacional de Teologia junto da Pontifícia Universidade Católica Argentina; VG 3; FRANCISCO. PP., Vamos sonhar juntos, p. 65; FRANCISCO. PP., Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional.

⁴⁷ FRANCISCO. PP., Mensagem ao Congresso Internacional de Teologia junto da Pontifícia Universidade Católica Argentina; VG 4; FRANCISCO. PP., Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional.

⁴⁸ FRANCISCO. PP., Discurso aos participantes no encontro por ocasião do XXV aniversário do Catecismo da Igreja Católica.

⁴⁹ FRANCISCO. PP., Exortação Apostólica pós sinodal Querida Amazônia, n. 66.

⁵⁰ FRANCISCO. PP., Discurso do Papa Francisco aos membros da associação italiana de professores e cultores da liturgia.

⁵¹ FRANCISCO. PP., Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional.

⁵² FRANCISCO. PP., Discurso do Papa Francisco à Cúria Romana na apresentação de votos natalinos.

⁵³ FRANCISCO. PP., Discurso do Papa Francisco à Cúria Romana na apresentação de votos natalinos.

⁵⁴ FRANCISCO. PP., Mensagem ao Congresso Internacional de Teologia junto da Pontifícia Universidade Católica Argentina; VG 4; FRANCISCO. PP., Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional.

⁵⁵ FRANCISCO. PP., Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional.

Essa “fidelidade criativa” exige tomar em sério a famosa distinção feita por João XXIII entre a “substância” do Depósito da Fé e a “formulação” com a qual ela é apresentada,⁵⁶ bem como a incumbência de “não só *guardar* esse tesouro precioso, como se nos ocupássemos unicamente da antiguidade, mas também dedicar-nos com vontade pronta e sem temor ao trabalho que o nosso tempo exige, *prossequindo* assim o caminho que a Igreja percorre há vinte séculos.”⁵⁷ E, aqui, “não basta encontrar uma nova linguagem para as verdades de sempre; é necessário e urgente também que, perante os novos desafios e perspectivas que se abrem à humanidade, a Igreja possa exprimir as novidades do Evangelho que [...] ainda não vieram à luz.”⁵⁸

Isso exige reconhecer que “a expressão da verdade pode ser multiforme e [que] a renovação das formas de expressão torna-se necessária para transmitir ao homem de hoje a mensagem evangélica no seu significado imutável.”⁵⁹ Exige superar a dupla tentação de “condenar tudo” ou “consagrar tudo” pelo discernimento que procura “levar muito a sério a Tradição eclesial e a realidade, fazendo-as dialogar”⁶⁰. Mas exige também esforço para superar e/ou não cair na tentação de um pensamento pronto, acabado, fechado. Francisco aprendeu com Guardini “a importância do pensamento incompleto, inacabado”, sempre aberto a um “desenvolvimento subsequente”; e aprendeu com Newman a “ver a verdade sempre mais além de nós”, compreendendo que “não possuímos a verdade, mas que a verdade nos possui e constantemente nos atrai com sua beleza e bondade.”⁶¹

Isso o leva a afirmar que “o teólogo que se compraz com seu pensamento completo e concluído é um medíocre” e que “o bom teólogo e filósofo mantém um pensamento aberto, ou seja, incompleto, sempre aberto ao *maius* de Deus e da Verdade, sempre em fase de desenvolvimento.”⁶² De fato, uma Tradição viva-dinâmica exige uma teologia viva-dinâmica que, por sua vez, exige um pensamento vivo-dinâmico, incompleto, inacabado – sempre aberto ao *maius* de Deus na história...

4. Fazer teologia nas “fronteiras” e “periferias” do mundo

Compreendida e desenvolvida como “parte” da missão salvífico-evangelizadora da Igreja, em “fidelidade criativa” à Tradição, a teologia está chamada a uma permanente “saída para as periferias.” O chamado à uma “transformação missionária da Igreja” vale também, no que lhe é próprio e específico, para a teologia e o fazer teológico: “Todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.”⁶³ Isso explica a insistência quase obsessiva de Francisco em fazer teologia nas “fronteiras” e “periferias” do mundo. E não se trata de algo meramente circunstancial e opcional, mas de algo que diz respeito ao estatuto mesmo da teologia, enquanto “parte da missão salvífica da Igreja” e serviço à “missão evangelizadora da Igreja.”

Por ocasião dos cem anos da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Argentina, em 2015, Francisco enviou uma carta, que bem pode ser tomada como um texto programático para a teologia e o teologizar, na qual afirma que “ensinar e estudar teologia significa viver em uma fronteira, na qual o Evangelho encontra as necessidades das pessoas para as quais se faz o anúncio de maneira compreensível e significativa;” adverte contra “uma teologia que se esgota na disputa acadêmica ou

⁵⁶ EG 41; FRANCISCO. PP., Mensagem ao Congresso Internacional de Teologia junto da Pontifícia Universidade Católica Argentina.

⁵⁷ FRANCISCO. PP., Discurso aos participantes no encontro por ocasião do XXV aniversário do Catecismo da Igreja Católica.

⁵⁸ FRANCISCO. PP., Discurso aos participantes no encontro por ocasião do XXV aniversário do Catecismo da Igreja Católica.

⁵⁹ EG 41.

⁶⁰ FRANCISCO. PP., Mensagem ao Congresso Internacional de Teologia junto da Pontifícia Universidade Católica Argentina.

⁶¹ FRANCISCO. PP., Vamos sonhar juntos, p. 63-65.

⁶² VG 3.

⁶³ EG 20.

contempla a humanidade desde um castelo de vidro;” exorta os teólogos a não se conformarem com uma “teologia de gabinete”, a assumirem as “fronteiras” como “lugar das reflexões” e a não caírem na “tentação de pintá-las, perfumá-las, ajustá-las um pouco e domesticá-las”, recordando que “também os bons teólogos, como os bons pastores, cheiram a povo e rua e, com sua reflexão, derramam unguento e vinho nas feridas dos homens.”⁶⁴

Quando insiste nas “fronteiras” como “lugar das reflexões,” Francisco se refere à “necessidade de estar inserido no contexto em que opera e sobre o qual reflete,” frente ao “perigo de viver em um laboratório” e “domesticar” e “envernizar” os problemas.⁶⁵ Isso que vale para a reflexão como um todo, vale de modo particular para a reflexão teológica, uma vez que “nossa fé não é uma fé-laboratório, mas uma fé-caminho, uma fé histórica”, pois “Deus revelou-Se como história, não como um compêndio de verdades abstratas.”⁶⁶ Está em jogo aqui o princípio, segundo o qual “a realidade é mais importante do que a ideia.”⁶⁷ Um princípio de grande relevância teológico-pastoral, ligado à “encarnação da Palavra” – “de uma Palavra já encarnada e sempre procurando encarnar-se,” que nos leva a “valorizar a história da Igreja como história de salvação”, ao mesmo tempo em que nos impele a “pôr em prática a Palavra, a realizar obras de justiça e caridade nas quais se torne fecunda esta Palavra.”⁶⁸ Neste sentido, afirma que “a teologia e a cultura de inspiração cristã estiveram à altura de sua missão quando souberam, de forma arriscada e fiel, viver na fronteira,” insistindo que “as questões do nosso povo, as suas aflições, batalhas, sonhos, lutas, preocupações possuem um valor hermenêutico que não podemos ignorar, se quisermos de fato levar a sério o princípio da encarnação.”⁶⁹

Francisco fala de “fronteiras” e fala de “periferias.” Embora muitas vezes tomada como sinônimo de “fronteiras”, em geral a expressão “periferias” designa os que vivem à margem e são os destinatários primeiros e privilegiados do Evangelho. Certamente, em seu dinamismo missionário, a Igreja deve “chegar a todos,” mas, conforme o Evangelho de Jesus Cristo, deve chegar “sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos.”⁷⁰ Ela tem que “cuidar dos mais frágeis da terra.”⁷¹ E aqui Francisco é muito claro e taxativo: “Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, ‘os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho’, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres.”⁷²

Com a expressão “periferias” Francisco se refere às mais diversas situações de marginalização e sofrimento: geográficas, sociais, existenciais.⁷³ Afirma que as periferias são o lugar privilegiado para se conhecer e transformar a realidade:⁷⁴ “Abraçar a periferia é ampliar nossos horizontes, já que vemos com maior clareza e amplitude quando estamos às margens da sociedade. Precisamos recuperar a sabedoria escondida em nossos bairros e que ficam visíveis através dos movimentos populares.”⁷⁵ E insiste sempre na densidade teológica das periferias (caráter salvífico-espiritual) que as constitui como lugar teológico privilegiado: “Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres;”⁷⁶ “o

⁶⁴ FRANCISCO. PP., Carta por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina; FRANCISCO. PP., Discurso del Santo Padre a los miembros de la dirección de la Revista Teológica “La Scuola Cattolica.”

⁶⁵ SPADARO, Entrevista exclusiva do Papa Francisco, p. 33-34.

⁶⁶ SPADARO, Entrevista exclusiva do Papa Francisco, p. 34.

⁶⁷ EG 231-233.

⁶⁸ EG 233.

⁶⁹ EG 5.

⁷⁰ EG 48.

⁷¹ EG 209.

⁷² EG 48.

⁷³ EG 20, 30, 46, 53, 63, 59, 191.

⁷⁴ FRANCISCO, Vamos sonhar juntos, p. 17, 130-131, 137-138.

⁷⁵ FRANCISCO, Vamos sonhar juntos, p. 137.

⁷⁶ EG 197.

caminho de Jesus começou na periferia, vai *dos* pobres e *com* os pobres para todos;”⁷⁷ “quando Deus quis regenerar a criação, quis ir à periferia: aos lugares de pecado e de miséria, de exclusão e sofrimento, de doença e solidão, porque eram também lugares cheios de possibilidades;”⁷⁸ “a Igreja nasceu na periferia da Cruz, onde se encontram tantos crucificados. Se a Igreja se desentende dos pobres, deixa de ser a Igreja de Jesus;” “o caminho das periferias geográficas e existenciais é o caminho da encarnação: Deus escolheu a periferia para revelar, em Jesus, sua ação salvadora na história.”⁷⁹

E tudo isso é decisivo para uma *teologia* e um *teologizar* autenticamente cristãos: enraizados e desenvolvidos nas “fronteiras” e “periferias” do mundo; expressão de “uma Igreja que é hospital de campanha, que vive sua missão de salvação e cura do mundo”; ao mesmo tempo em que configura cristãmente a identidade e o ministério dos/as *teólogos/as*: “cheiram a povo e rua e, com sua reflexão, derramam unguento e vinho nas feridas dos homens”; “uma pessoa capaz de construir em torno de si a humanidade, de transmitir a divina revelação em uma dimensão verdadeiramente humana, e não um intelectual sem talento, um moralista sem bondade ou um burocrata do sagrado;”⁸⁰ “um homem espiritual, humilde de coração, aberto às infinitas novidades do Espírito e próximo às feridas da humanidade pobre, descartada e que sofre.”⁸¹

Conclusão

Destacamos algumas reflexões e orientações de Francisco sobre a teologia, o fazer teológico e o teólogo: perspectiva conciliar, missão evangelizadora, fidelidade criativa à Tradição, fronteiras e periferias como lugar teológico. Outros aspectos poderiam ser abordados. Esses mesmos aspectos poderiam ser apresentados com outros enfoques ou matizes. E todos eles pedem maior desenvolvimento e elaboração teórica. Em todo caso, tocam em questões que dizem respeito ao estatuto teórico da teologia e sua eficácia salvífico-libertadora e, por isso mesmo, não podem ser banalizados nem preteridos.

É verdade que essa perspectiva teológica causa desconcerto, perplexidade e reações as mais diversas a quem não reconhece que a Igreja “tem necessidade de crescer na sua interpretação da Palavra revelada e na sua compreensão da verdade”, a quantos “sonham com uma doutrina monolítica defendida sem nuances por todos,”⁸² a quem não admite rever costumes e normas ou preceitos eclesiais.⁸³ É verdade que essa perspectiva nos tira do conforto das falsas certezas e seguranças e nos expõe aos riscos do caminho e do caminhar/peregrinar. Mas, para quem leva a sério o mistério da encarnação, a ação do Espírito Santo na história e a missão evangelizadora da Igreja no mundo concreto em que vive e para quem assume sua condição criatural, sem cair na tentação de querer ser Deus, não há alternativa. A teologia participa da mesma condição peregrinante da Igreja como Povo de Deus, com todos os riscos que isso implica. O que Francisco diz da Igreja como um todo, vale, *mutatis mutandis*, para a teologia e o fazer teológico: “Prefiro uma *teologia* acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma *teologia* enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças.”⁸⁴

Consciente das dificuldades e dos desafios que isso comporta, recordando com o Evangelho que “o sal pode perder seu sabor”, Francisco insiste na necessidade de “uma teologia viva, que dê ‘sabor’ e ‘saber’ ao mesmo tempo, que esteja na base de um diálogo eclesial sério, de um discernimento sinodal, que se pratique nas comunidades locais para um renascimento da fé nas transformações culturais de hoje” – “uma teologia a serviço da vida boa;” “uma teologia capaz de dialogar com o mundo, com a

⁷⁷ FRANCISCO. PP., Visita ao bairro pobre de Kangemi, Nairobi – Quênia.

⁷⁸ FRANCISCO, Vamos sonhar juntos, p. 17-18.

⁷⁹ FRANCISCO, Vamos sonhar juntos, p. 131-132.

⁸⁰ FRANCISCO. PP., Carta por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina.

⁸¹ FRANCISCO. PP., Discurso del Santo Padre a los miembros de la dirección de la Revista Teológica “La Scuola Cattolica.”

⁸² EG 40.

⁸³ EG 43.

⁸⁴ EG 49.

cultura, atenta aos problemas do tempo e fiel à missão evangelizadora da Igreja.”⁸⁵ E, distinguindo o ministério dos teólogos (ir além, debate de questões) do ministério dos catequistas (oferecer doutrina sólida, refeição substancial), anima os teólogos a ousar e arriscar: “o teólogo tem de ir em frente, estudar o que vai além; enfrentar aspectos que não são claros e arriscar no debate;”⁸⁶ “a vocação do teólogo é sempre a de se aventurar a ir além, porque ele está a procurar, e está a procurar explicitar melhor a teologia.”⁸⁷

Está em jogo, portanto, uma teologia viva, dinâmica, aberta, com “cheiro de povo e rua”; uma teologia que não transforma a Tradição em museu; uma teologia que leva a sério a presença do Espírito na história e se constitui como parte da missão evangelizadora da Igreja no mundo; uma teologia com cheiro e sabor evangélicos. Frente aos riscos e perigos desse tipo de teologia (toda teologia tem seus riscos e perigos!) e frente aos receios e às resistências que ele encontra (mais ou menos legítimos e igualmente discutíveis), vale também aqui, *mutatis mutandis*, o que Francisco diz de toda Igreja: “Mais que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmo de comer.”⁸⁸

Referências bibliográficas

AQUINO JÚNIOR, F. **Teologia em saída para as periferias**. São Paulo: Paulinas, 2019.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A sinodalidade na vida e na missão da Igreja**. Brasília: CNBB, 2018.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Carta por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina**. 03 de mar. 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html>. Acesso em: 04/04/2023,

FRANCISCO, PP. **Mensagem ao Congresso Internacional de Teologia junto da Pontifícia Universidade Católica Argentina**. 01-03 de set. 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2015/documents/papa-francesco_20150903_videomessaggio-teologia-buenos-aires.html>. Acesso em: 04/04/2023,

FRANCISCO, PP. **Discurso do Santo Padre no sínodo para a família 2015**. 05 de out. 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151005_padri-sinodali.html>. Acesso em: 04/04/2023.

FRANCISCO, PP. **Visita ao bairro pobre de Kangemi, discurso do Santo Padre**. 27 de nov. 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151127_kenya-kangemi.html>. Acesso em: 04/04/2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos participantes no encontro por ocasião do XXV aniversário do Catecismo da Igreja Católica promovido pelo Pontifício Conselho para a promoção da nova evangelização**. 11 de set. 2017. Disponível em:

⁸⁵ FRANCISCO, PP. Discurso del Santo Padre a los miembros de la dirección de la Revista Teológica “La Scuola Cattolica.”

⁸⁶ FRANCISCO, PP. Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional.

⁸⁷ FRANCISCO, PP. Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional.

⁸⁸ EG 49.

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papa-francesco_20171011_convegno-nuova-evangelizzazione.html>. Acesso em: 04/04/2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco à Associação Teológica Italiana**. 29 de set. 2017. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papa-francesco_20171229_associazione-teologica-italiana.html>. Acesso em: 04/04/2023.

FRANCISCO, PP. **Constituição Apostólica Veritatis Gaudium**: Sobre as universidades e as faculdades eclesiásticas. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional**. 29 de nov. 2019. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191129_commissione-teologica.html>. Acesso em: 04/04/2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica pós sinodal Querida Amazônia**: ao povo de Deus e todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, PP. **Vamos sonhar juntos**: O caminhar para um futuro melhor. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FRANCISCO, PP. **Discurso del Santo Padre Francisco a los miembros de la dirección de la Revista Teológica “La Scuola Cattolica.”** 17 de jun. 2022. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2022/june/documents/20220617-rivista-scuolacattolica.html>>. Acesso em: 04/04/2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco aos membros da associação italiana de professores e cultores da liturgia**. Disponível em:

<<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/september/documents/20220901-cultori-liturgia.html>>. Acesso em: 04/04/2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional**. 24 nov. 2022. Disponível em:

<<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/november/documents/20221124-cti.html>>. Acesso em: 04/04/2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco à Cúria Romana na apresentação de votos natalinos**. 22 dez. 2022. Disponível em:

<<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/december/documents/20221222-curia-romana.html>>. Acesso: 04/04/2023.

FUMAGALLI, A. **Caminhar no amor**: A teologia moral do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2019.

GALLI, C. M. **La alegría del Evangelio en América Latina**. Buenos Aires: Agape, 2018.

PALÁCIO, C. **Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2001.

PASSOS, J. D. **Método Teológico**. São Paulo: Paulinas, 2018.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**: Do batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Planeta, 2007.

REPOLE, R. **O sonho de uma Igreja evangélica**: A eclesiologia do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2018.

SPADARO, A. **Entrevista exclusiva do Papa Francisco**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

VILLAS BOAS, A. “A densidade teológica dos gestos de Francisco”. In: SANCHEZ, W. L.; FIQUEIRA, E. (Orgs.). **Uma Igreja de portas abertas**: Nos caminhos do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 69-87.

Francisco de Aquino Júnior

Doutor em teologia pela Westfälischen Wilhelms Universität Münster – Alemanha

Docente do Departamento de Teologia da Faculdade Católica De Fortaleza

Docente do Programa de Pós-Graduação pelo Departamento de Teologia da Universidade Católica de Pernambuco

Recife – PE

E-mail: axejun@yahoo.com.br

Recebido em: 30/03/2023

Aprovado em: 16/05/2023